

PHILIP ROTH

O COMPLEXO DE PORTNOY

Tradução

Paulo Henriques Britto



Copyright © 1967, 1968, 1969 by Philip Roth.

Todos os direitos reservados.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Portnoy's Complaint

Capa

Jeff Fisher

Preparação

Eliane de Abreu Santoro

Revisão

Renato Potenza Rodrigues

Larissa Lino Barbosa

Atualização ortográfica

Verba Editorial

1ª edição brasileira, 1970, Expressão e Cultura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Roth, Philip

O complexo de Portnoy / Philip Roth ; tradução Paulo
Henriques Britto. — São Paulo : Companhia das
Letras, 2013.

Título original: Portnoy's Complaint.

ISBN 978-85-359-2226-4

1. Ficção norte-americana I. Título.

13-00645

CDD-813.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813.5

2013

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

O PERSONAGEM MAIS INESQUECÍVEL QUE JÁ CONHECI

Ela estava tão profundamente entranhada em minha consciência que, no primeiro ano na escola, eu tinha a impressão de que todas as professoras eram minha mãe disfarçada. Assim que tocava o sinal ao fim das aulas, eu voltava correndo para casa, na esperança de chegar ao apartamento em que morávamos antes que ela tivesse tempo de se transformar. Invariavelmente ela já estava na cozinha quando eu chegava, preparando leite com biscoitos para mim. No entanto, em vez de me livrar dessas ilusões, essa proeza só fazia crescer minha admiração pelos poderes dela. Além do mais, era sempre um alívio não surpreendê-la entre uma e outra transformação — muito embora eu jamais deixasse de tentar; eu sabia que meu pai e minha irmã nem faziam ideia da natureza real de minha mãe, e o peso da traição que, imaginava eu, recairia sobre meus ombros se alguma vez a pegasse desprevenida seria demais para mim, aos cinco anos de idade. Creio que eu chegava a temer a possibilidade de ser eliminado caso a flagrasse ao entrar voando pela janela do quarto, vindo da escola, ou então surgindo pouco a pouco, um membro de cada vez, emergindo do estado de invisibilidade, com avental e tudo.

Claro que, quando ela pedia que lhe contasse como tinha sido meu dia no jardim de infância, eu obedecia sem hesitação. Não tinha a menor pretensão de compreender todas as implicações de seu dom de ubiquidade, mas que ele servia para descobrir que espécie de menino eu era em sua ausência — disso não havia dúvida. Uma consequência dessa fantasia, que sobreviveu

(dessa forma específica) até a primeira série, foi que, julgando não ter alternativa, me tornei um menino honesto.

Ah, e brilhante, aliás. A respeito de minha irmã mais velha, uma menina gorda, de tez amarelenta, minha mãe costumava dizer (mesmo na presença da própria Hannah, é claro: também minha mãe adotava a honestidade como política): “A menina está longe de ser um gênio, mas a gente não pede o impossível. Que Deus a abençoe, ela é esforçada, dá tudo o que pode, e assim o que ela conseguir está mais do que bom”. De mim, que herdara dela o nariz egípcio afilado e a boca inteligente que jamais se calava, de mim ela dizia, com sua moderação característica: “Esse *bonditt*?* Esse não precisa nem abrir o livro — é dez em tudo. É o Albert Einstein Segundo!”.

E como meu pai encarava tudo isso? Ele bebia — claro que não uísque, como faria um góí, e sim Nujol e leite de magnésia, e mastigava pastilhas laxantes; e comia All-Bran de manhã à noite; e consumia quilos e quilos de frutas secas. Sofria — e como! — de prisão de ventre. A ubiquidade de minha mãe e a prisão de ventre de meu pai, minha mãe voando pela janela do quarto adentro, meu pai lendo o jornal da tarde com um supositório enfiado lá naquele lugar... São essas, doutor, as primeiras impressões que guardo de meus pais, de seus atributos e segredos. Ele preparava chá de folha de sena seca numa panela, e a isso, junto com o supositório que se derreteria invisível em seu reto, se resumia toda a bruxaria dele: fervia aquelas folhas verdes cheias de nervuras, mexia com uma colher o líquido fedorento, coava cuidadosamente e por fim ingeria a beberagem, na tentativa de desbloquear o organismo, com uma expressão de cansaço e sofrimento no rosto. E então, debruçado em silêncio sobre o copo vazio, aguardava o milagre... Quando era bem pequeno, às vezes eu ficava senta-

* As notas de tradução, referentes sobretudo a termos em iídiche e nomes pouco familiares ao leitor brasileiro, estão no final deste volume, num glossário organizado em ordem alfabética. (N. E.)

do a seu lado na cozinha, esperando também. Mas o milagre nunca acontecia, pelo menos não do modo como imaginávamos e rezávamos para que acontecesse — a suspensão daquela pena, a libertação final daquela praga. Lembro que, quando deu no rádio a notícia da explosão da primeira bomba atômica, ele disse em voz alta: “Quem sabe isso não resolvia meu problema”. Mas, para aquele homem, toda e qualquer catarse era inútil: suas *kishkas* viviam comprimidas pela mão de ferro da indignação e da frustração. Entre outros infortúnios seus, eu era o favorito de sua mulher.

Para complicar ainda mais as coisas, ele me adorava. Também ele via em mim a oportunidade de que a família se tornasse “tão boa quanto qualquer outra”, de que conquistasse honra e respeito — se bem que, quando eu era pequeno, toda vez que ele falava sobre as esperanças que depositava em mim, praticamente só se exprimisse em termos de dinheiro. “Não seja burro como seu pai, não”, ele gracejava, com o menino no colo, “não case por beleza, não case por amor — case por dinheiro.” Não, não, ele não gostava nem um pouco de ser encarado com desprezo. Trabalhava feito um camelo — para um futuro que estava destinado a jamais atingir. Ninguém jamais lhe proporcionou a satisfação que ele desejava, que estivesse à altura do que ele lhes dera — nem minha mãe, nem eu, nem mesmo minha irmã, que o adora, e cujo marido ele até hoje considera um comunista (embora tenha se tornado sócio de uma lucrativa fábrica de refrigerantes e seja proprietário da casa em que mora, em West Orange). E por certo nem aquela bilionária empresa (ou “instituição”, o termo preferido dentro da própria empresa) protestante que o explorava até não poder mais. “A Instituição Financeira Mais Benévola dos Estados Unidos”, meu pai proclamou, ainda lembro, quando me levou pela primeira vez para conhecer o quadrilátero exíguo de mesa e cadeira que ele ocupava nos amplos escritórios da Boston & Northeastern Life. Sim, diante do filho se referia com orgulho à “Companhia”; não faria sentido se humilhar falando mal dela em público — afinal de contas, ela pagara seu salário durante a

Depressão; dava papel timbrado com o nome dele impresso abaixo do desenho que representava o *Mayflower*, a insígnia da empresa (e, por extensão, dele, ha ha); e todos os anos, na primavera, num requinte de benevolência, a empresa presenteava a ele e minha mãe com um fim de semana gratuito em Atlantic City, num hotel chiquérrimo de góis, onde ele (junto com todos os outros agentes de seguros atuantes nos estados da região do Meio Atlântico que haviam ultrapassado a expectativa média de vendas daquele ano) se sentia intimidado pelo recepcionista, pelo garçom e pelo mensageiro, para não falar nos perplexos hóspedes pagantes.

Além disso, meu pai acreditava piamente no que vendia, o que era outra fonte de angústia e lhe consumia as energias ainda mais. Não estava apenas salvando a própria alma quando vestia o paletó e punha o chapéu após o almoço e saía para retomar o trabalho — não, estava também tentando salvar algum pobre-diabo cuja apólice de seguro estava prestes a vencer, o que poria em risco a segurança de sua família “se acontecer alguma coisa”. “Alex”, ele costumava me explicar, “a gente tem que ter uma rede de proteção. A gente não pode deixar a mulher e o filho na corda bamba, sem uma rede de proteção embaixo!” Mas se, para mim, o que ele dizia fazia sentido, era até comovente, essa história da rede de proteção, ao que parecia, nem sempre era bem recebida pelos poloneses brancos, irlandeses truculentos e negros analfabetos que moravam nos bairros pobres onde ele era obrigado a fazer suas rondas em nome d’A Instituição Financeira Mais Benévola dos Estados Unidos.

Lá nos cortiços, as pessoas riam de meu pai. Não lhe davam atenção. Quando ele tocava a campainha, jogavam latas vazias na porta e gritavam: “Vai embora, tem ninguém em casa não”. Mandavam o cachorro cravar os dentes na bunda daquele judeu insistente. E no entanto, ano após ano, ele acumulava placas, diplomas e medalhas com que a Companhia reconhecia seu talento de vendedor, numa quantidade tal que chegavam a cobrir toda uma parede do longo corredor sem janelas em que os pra-

tos que usávamos na Páscoa eram guardados em caixotes e nossos tapetes “orientais”, embrulhados em papel alcatroado, como múmias, passavam todo o verão. Se meu pai era capaz de arrancar leite das pedras, quem sabe a Companhia não haveria de compensá-lo com um milagre de igual quilate? Quem sabe “o Presidente”, lá n’ “A Sede”, não ficaria sabendo de suas proezas e o promoveria, da noite para o dia, de agente, com salário anual de cinco mil dólares, para gerente regional, ganhando quinze? Entretanto, ele ficava onde sempre estivera. Quem mais conseguiria arrancar tantos frutos de uma terra tão estéril? Além disso, nenhum judeu jamais fora promovido a gerente regional em toda a história da Boston & Northeastern (“Não É Bem Da Nossa Classe, Meu Caro”, como se dizia a bordo do *Mayflower*), e meu pai, que só tinha o secundário completo, não era exatamente o homem perfeito para se tornar o Jackie Robinson do mercado de seguros.

Havia um retrato de N. Everett Lindabury, o presidente da Boston & Northeastern, na parede de nosso corredor. Meu pai ganhara aquela fotografia emoldurada ao completar um milhão de dólares em apólices vendidas — ou teria sido dez milhões? “O senhor Lindabury”, “A Sede”... Quando meu pai pronunciava essas palavras, para mim era como se estivesse se referindo a Roosevelt na Casa Branca em Washington... e ao mesmo tempo como ele odiava toda aquela gente, principalmente Lindabury, com seu cabelo louro como o milho, seu inglês impecável da Nova Inglaterra, os filhos estudando em Harvard e as filhas em colégios suíços, ah, toda aquela gente lá em Massachusetts, aqueles *shkotzim* caçando raposas! Jogando polo! (ouvi-o gritando essas coisas uma noite, através da porta do quarto do casal) — e desse modo impedindo, o senhor entende, que meu pai se tornasse um herói para a mulher e os filhos. Que raiva! Que fúria! E não tinha em que descarregar tudo aquilo — só nele mesmo. “Por que é que meu intestino não funciona — estou cheio de ameixa até o cu! Por que é que eu tenho tanta dor de cabeça! Cadê meus óculos! Quem pegou o meu chapéu!”

Era assim, com essa ferocidade autodestrutiva com que tan-

tos homens judeus de sua geração se matavam por suas famílias, que meu pai se matava por minha mãe, minha irmã Hannah e, acima de tudo, por mim. Se ele vivia prisioneiro, eu haveria de voar: era esse seu sonho. O meu era o corolário do dele: ao me libertar, eu o libertaria — da ignorância, da exploração, do anonimato. Até hoje, em minha imaginação meu destino permanece atrelado ao dele, e volta e meia, ao deparar com uma passagem num livro que me impressiona pelo que há nela de lógico ou sábio, na mesma hora, sem querer, penso: “Ah, se ele pudesse ler *isto*. É! Ler e compreender...!”. Até hoje tenho essas esperanças, tenho esses anseios, como o senhor vê, aos trinta e três anos de idade... Nos meus tempos de calouro na faculdade, quando eu era ainda mais do que hoje o filho que tentava fazer o pai compreender — naquele tempo em que, para mim, era uma questão de vida ou morte ele compreender —, lembro que uma vez arranquei o formulário de assinatura de uma revista intelectual que eu próprio acabara de descobrir na biblioteca da faculdade, preenchi com o nome de meu pai e nosso endereço e o coloquei no correio anonimamente. Mas quando, nos feriados de Natal, fui, emburrado, visitar e criticar minha família, não encontrei nenhum exemplar da *Partisan Review*. Lá estavam *Collier's*, *Hygeia*, *Look*, mas onde estaria a *Partisan Review*? Certamente ele tinha jogado fora a revista sem nem sequer abrir — pensei, arrogante e inconsolável —, sem ler, sem lhe dar importância, esse meu pai *schmuck*, idiota, filisteu!

Lembro — para recuar ainda mais nessa minha história de desilusão —, lembro uma manhã de domingo em que lancei uma bola de beisebol em direção a meu pai e depois fiquei aguardando em vão que ele a rebatesse bem alto, muito acima de minha cabeça. Estou com oito anos, acabo de ganhar de aniversário minha primeira luva e bola de beisebol, bem como um taco profissional que mal consigo levantar direito. Meu pai está na rua desde cedo, de chapéu, paletó, gravata-borboleta e sapatos pretos, levando debaixo do braço o livro negro e volumoso em que está anotado quem deve quanto ao sr. Lindabury. Ele vai ao bairro dos negros toda manhã de domingo, porque,

ele me explica, é a hora mais oportuna para pegar desprevenidos os que não estão muito dispostos a entregar os míseros dez ou quinze centavos necessários para manter em dia o pagamento do prêmio. Meu pai vai às ruas onde os maridos ficam sentados pegando sol e tenta arrancar deles algumas moedas antes que se embriaguem com vinho; sai na disparada dos becos para surpreender as arrumadeiras carolas que passam os dias úteis trabalhando em casas alheias e que dele se escondem nas noites dos dias de semana, na hora em que estão voltando da igreja para casa. “Ih”, alguém exclama, “olha lá o moço dos seguros!”, e até mesmo as crianças fogem correndo — as *crianças*, diz ele, indignado, agora me digam vocês como é que esses crioulos vão melhorar de vida desse jeito? Como é que eles vão progredir se não compreendem nem mesmo a importância do seguro de vida? Será que eles estão cagando completamente para os entes queridos que vão deixar no mundo? Porque “eles vai tudo morrer”, sim — “ah”, exclama, irritado, “vai tudo morrer morridinho, sim sinhô!”, agora me digam, que espécie de homem é capaz de deixar os filhos na corda bamba, sem uma rede de proteção decente!

Estamos no campo grande de terra batida nos fundos da minha escola. Meu pai põe no chão o livro de registro e vai até a base principal, de paletó e chapéu de feltro marrom. Usa óculos de armação metálica quadrada, e o cabelo (tal como o meu agora) é um matagal com a cor e a textura de palha de aço; e aqueles dentes que passam a noite inteira dentro de um copo no banheiro, sorrindo para a privada, agora sorriem para mim, o amor da vida dele, sangue do seu sangue, o menininho que estará sempre amparado por uma rede de proteção. “Vamos lá, campeão”, diz ele, e segura meu novo taco profissional mais ou menos no meio — e, para meu espanto, com a mão esquerda no lugar onde deveria estar a direita. De repente uma tristeza enorme me domina: tenho vontade de lhe dizer: *Ei, suas mãos estão erradas*, mas não consigo, com medo de começar a chorar — ou então de fazer meu pai chorar! “Vamos lá, campeão, manda essa bola”, ele grita, e eu também — e assim descubro que,

além de todas as outras coisas que estou começando a imaginar a respeito de meu pai, ele também está longe de ser um segundo “King Kong” Charlie Keller.

Bela rede de proteção.

Era minha mãe que era capaz de fazer qualquer coisa; ela própria tinha de reconhecer que talvez fosse mesmo boa demais. E como um menino com a minha inteligência, com meus poderes de observação, poderia duvidar dessa avaliação? Ela sabia fazer, por exemplo, gelatina com fatias de pêssego suspensas dentro, pêssegos que simplesmente *flutuavam*, desafiando a lei da gravidade. Ela sabia fazer um bolo com gosto de banana. Chorando, sofrendo, ralava raiz-forte em vez de comprar pronta na loja. Vigia o açougueiro “como um gavião”, para usar suas próprias palavras, para que ele não deixasse de passar no moedor *kosher* a carne que ela comprava. Telefonava para todas as mulheres do prédio que tinham pendurado roupa na corda dos fundos — até mesmo para a góia divorciada do andar de cima, num dia em que estava particularmente magnânima — dizendo que era para ir correndo pegar a roupa, que uma gota de chuva tinha acabado de cair na nossa vidraça. Que radar, aquela mulher! E isso *antes* mesmo de inventarem o radar! A energia que havia nela! O perfeccionismo! Examinava todas as minhas contas para ver se não havia nenhum erro; minhas meias, à procura de furos; minhas unhas, meu pescoço, todas as dobras de meu corpo, à procura de sujeira. Chega mesmo a dragar os recantos mais inacessíveis de meus ouvidos derramando água oxigenada gelada dentro deles. O líquido fervilha feito refrigerante, e traz à tona, aos pedaços, depósitos ocultos de cera amarela, a qual, segundo ela, pode danificar a audição. Um procedimento terapêutico desse tipo (ainda que pseudocientífico) leva tempo, é claro; exige empenho, sem dúvida — mas quando estão em jogo a saúde e a limpeza, os micróbios e as secreções corpóreas, ela não mede esforços para que os outros não sejam prejudicados. Acende velas para os mortos — os outros sempre

esquecem, ela se lembra religiosamente, sem precisar de nenhuma anotação no calendário. A devoção está em seu sangue. Pelo visto minha mãe é a única, segundo ela própria, que quando vai ao cemitério tem “o bom senso”, “o mínimo de respeito”, de arrancar o capim que brotou nas sepulturas de nossos parentes. Quando chega o primeiro dia de sol da primavera, ela já protegeu com naftalina tudo o que há de lã na nossa casa, já enrolou e amarrou os tapetes e os arrastou até a sala de troféus de meu pai. Ela jamais passa vergonha com a casa: um desconhecido pode entrar a qualquer momento e abrir qualquer armário, qualquer gaveta, que não há de encontrar nada capaz de envergonhá-la. Seria possível até comer direto no chão do banheiro dela, se algum dia isso fosse necessário. Quando perde uma partida de majongue, ela aceita a derrota com espírito esportivo, e não como certas pessoas que ela podia até dar os nomes delas só que não quer nem mesmo a Tilly-Hochman — é uma coisa mesquinha demais de se comentar melhor mudar de assunto. Ela costura, faz tricô, sabe cerzir — passa roupa melhor até do que a *schvartze*, para a qual, de todas as amigas que dividem a propriedade dessa preta velha sorridente e infantil, só ela é boa. “Eu sou a única que é boa pra ela. Só eu dou a ela uma lata inteira de atum no almoço, e não é *dreck* não, senhor, é da marca Chicken of the Sea, Alex. Me desculpa, mas não sei ser miserável. Me desculpa, mas não sei viver assim, mesmo que eu me dê mal. A Esther Wasserberg deixa vinte e cinco centavos em moedas de cinco espalhadas pela casa cada vez que a Dorothy vai lá, e depois conta tudo para ver se não falta nenhuma. Pode ser que eu seja boa demais”, ela cochicha para mim, enquanto derrama água escaldante no prato em que a faxineira acaba de almoçar, sozinha como uma leprosa, “mas eu não sou capaz de fazer uma coisa dessas.” Uma vez Dorothy entrou na cozinha quando minha mãe ainda estava com a mão na torneira de água quente, despejando torrentes sobre os talheres que haviam tido contato com os lábios grossos e róseos da *schvartze*. “Ah, você sabe como é difícil desgrudar maionese dos talheres hoje em dia, Dorothy”, diz minha mãe, de língua sem-

pre ágil — e assim, ela me explica depois, por saber pensar rápido, não magoou a mulher de cor.

Quando me comporto mal, sou trancado do lado de fora do apartamento. Fico esmurrando a porta sem parar, até jurar que vou me corrigir. Mas o que foi que eu fiz? Engraxo meus sapatos numa folha do jornal da véspera cuidadosamente estendida no chão de linóleo; depois jamais esqueço de deixar bem tampada a lata de graxa e guardar direitinho todo o equipamento no lugar certo. Sempre aperto o tubo de pasta de dentes bem junto à base, escovo os dentes com movimentos circulares, nunca na vertical, digo “obrigado”, digo “de nada”, digo “desculpe” e sempre peço: “posso?”. Quando Hannah não pode porque está doente ou porque saiu, com sua latinha azul, para recolher dinheiro para o Fundo Nacional Judaico, sempre ponho a mesa, mesmo não sendo a minha vez, colocando a faca e a colher do lado direito, o garfo do esquerdo, o guardanapo à esquerda do garfo, dobrado de modo a formar um triângulo. Nunca misturo *milchiks* com *flaisbedigeb*, nunca, jamais, em tempo algum. No entanto, há um período de mais ou menos um ano na minha vida em que cometo todo mês uma falta tão imperdoável que recebo ordem de fazer minha mala e ir embora. Mas o que poderia ser? Mamãe, sou eu, o menininho que, antes de começarem as aulas, passa noites inteiras escrevendo, com lindas letras góticas, os nomes das matérias nas divisórias coloridas do fichário, que pacientemente cola reforços nas folhas de três furos, umas pautadas e outras sem pauta, em quantidade suficiente para todo o semestre. Tenho sempre comigo um pente e um lenço limpo; nunca deixo minhas meias ficarem caídas sobre os sapatos; apronto o meu dever de casa semanas antes do prazo de entrega — convenhamos, mãe: eu sou o menininho mais inteligente e mais asseado da história da minha escola! Ao final do dia, as professoras (a senhora sabe, elas já lhe disseram isso) vão felizes ao encontro de seus maridos por minha causa. Então o que foi que eu fiz? Quem puder responder a essa pergunta, por favor fique em pé! Sou tão horrível que ela não suporta minha presença na casa dela *nem mais um minuto*.

Quando, uma vez, chamei minha irmã de coconilda, minha boca foi imediatamente esfregada com sabão escuro de lavar roupa; isso eu compreendo. Mas o degredo? O que eu poderia ter feito?

Como ela é boazinha, minha mãe vai preparar um lanche para eu levar, mas depois tenho de ir embora, de casaco e galochas, e o que vier a acontecer não é mais da conta dela.

Está bem, digo, se é isso que a senhora quer! (Pois também eu sou chegado a um melodrama — não é à toa que faço parte dessa família.) Não preciso de lanche nenhum! Não preciso de nada!

Não gosto mais de você, um garotinho capaz de fazer o que você fez. Vou ficar aqui sozinha com o papai e a Hannah, diz minha mãe (que é mestra em falar as coisas de modo calculado para fazer o máximo de estrago). A Hannah sabe preparar o jogo de majongue quando as minhas amigas vêm na terça-feira. Não vamos mais precisar de você.

Eu não ligo! E saio porta afora, no corredor comprido e escuro. Eu não ligo! Vou vender jornais na rua descalço. Vou para onde quiser em trens de carga e vou dormir no campo aberto, penso — mas basta a visão das garrafas de leite vazias junto ao capacho de nosso apartamento para que a enormidade do que acaba de ocorrer estoure sobre a minha cabeça. “Odeio você!”, grito, chutando a porta com galocha e tudo; “sua cade-la!”. Diante de tamanho horror, dessa heresia que ecoa pelos corredores do prédio em que ela disputa com vinte outras mulheres judias a posição de santa padroeira do autossacrifício, minha mãe é obrigada a passar o trinco. É nesse ponto que começo a esmurrar a porta implorando para que ela me deixe entrar. Caio sobre o capacho pedindo perdão por meu pecado (mas qual foi mesmo o meu pecado?) e prometo ser absolutamente perfeito pelo resto de nossas vidas, que naquela época me parecem infinitas.

Além disso, às vezes, na hora do jantar, me recuso a comer. Minha irmã, que é quatro anos mais velha do que eu, garante que minhas lembranças correspondem ao que de fato acontecia:

eu me recusava a comer e minha mãe não conseguia aceitar tamanho capricho — e tamanha idiotice. Não conseguia, *para o meu próprio bem*. Ela só está me pedindo para fazer uma coisa para o meu próprio bem — e mesmo assim eu digo *não*? A ela, que seria capaz de tirar comida de sua própria boca para me dar, será que ainda não percebi isso?

Mas eu não quero a comida que está na sua boca. Não quero nem mesmo a que está no meu prato — aliás, o problema é justo esse.

Onde já se viu! Uma criança com o meu potencial! Que já fez o que eu já fiz! Com o meu futuro! — todos os talentos que Deus derramou sobre mim, beleza, inteligência, então é possível deixar que eu me julgue no direito de ficar sem comer até morrer de fome sem nenhum motivo?

Será que eu quero que as pessoas passem a vida inteira me olhando com desprezo, como um garotinho magricela, em vez de admirar um homem-feito?

Será que eu quero que todo mundo me empurre de um lado para outro, fazendo troça, que eu quero ser pele e osso, um porcaria que qualquer um derruba com um peteleco, em vez de inspirar respeito?

O que é que eu quero ser quando crescer: fraco ou forte, um indivíduo de sucesso ou um fracassado, um homem ou um rato?

Eu não quero é comer, só isso, respondo.

Então minha mãe senta-se numa cadeira a meu lado com uma faca de pão comprida na mão. A faca é de aço inoxidável, com pequenos dentes de serra. O que é que eu quero ser, fraco ou forte, um homem ou um rato?

Doutor, me diga, como é que pode, *como* é que pode, uma mãe ameaçar com uma faca seu próprio filho? Estou com seis, sete anos de idade, como é que eu posso saber que ela não seria capaz de usá-la? O que é que eu posso fazer, tentar blefar com ela, aos sete anos de idade? Eu ainda não desenvolvi nenhuma concepção mais complexa de estratégia, pelo amor de Deus — provavelmente não peso nem trinta quilos ainda! Alguém bran-

de uma faca na minha direção, eu concluo que alguém tem a intenção de tirar sangue de mim! Mas *como*? O que será que está se passando *dentro da cabeça dela*? Será que ela é louca de pedra? E se ela me deixasse ganhar — o que ela teria perdido? Por que uma faca, por que uma ameaça de *assassinato*, por que essa necessidade de uma vitória tão total e arrasadora — se ontem mesmo ela largou o ferro de passar na tábua para *bater palmas* enquanto eu corria pela cozinha ensaiando meu papel de Cristóvão Colombo na montagem que a terceira série está fazendo de *Land ho*! Sou a estrela da turma, ninguém pode montar uma peça sem mim. Ah, bem que tentaram uma vez, quando eu estava com bronquite, mas depois minha professora confidenciou a minha mãe que o espetáculo foi realmente uma bomba. Ah, como, como ela pode passar tantas tardes magníficas naquela cozinha, lustrando as pratarias, preparando iscas de fígado, enfiando um elástico novo na cintura da minha cuequinha — e, munida do texto mimeografado, dando todas as deixas do meu personagem, ela é a rainha Isabel, e eu, Colombo, ela é Betsy Ross, e eu, Washington, ela é Marie Pasteur, e eu, Louis — como é que ela pode ascender comigo até os píncaros da minha genialidade naqueles deliciosos fins de tarde depois da escola e depois à noite, porque não quero comer um prato de vagens com batata cozida, apontar uma faca de pão para o meu coração?

E como é que meu pai não faz nada?

BRONHA

Então chegou a adolescência — metade do tempo eu passava trancado dentro do banheiro, disparando porra dentro da privada, ou nas roupas sujas no cesto, ou *plaft*, bem no espelho do armário de remédios, diante do qual eu me colocava, a cueca baixada, para ver como era que a coisa saía. Ou então debruçado sobre meu punho certo, os olhos bem fechados mas a boca

escancarada, para receber na língua e nos dentes aquele molho espesso de creme de leite com água sanitária — se bem que não raro, em meu êxtase cego, tudo ia parar no meu topete, como se fosse uma rajada de brilcreme. Num mundo de lenços amarelhados, Kleenex amassados e pijamas manchados, eu brandia meu pênis esfolado e inchado, presa constante do terror de que minha infâmia fosse descoberta por alguém que me surpreendesse na hora exata de esporrar. Não obstante, eu era de todo incapaz de manter as patas longe do pau no momento em que ele começava a subir em direção à barriga. No meio da aula eu levantava a mão e pedia licença para sair, ia correndo até o banheiro e, com dez ou quinze sacudidas desesperadas, gozava em pé diante do mictório. Nas tardes de sábado, no cinema, eu me levantava, dizendo aos amigos que ia comprar balas — e ia parar numa poltrona remota, no balcão, vertendo minha semente dentro de um embrulho vazio de barra de chocolate. Uma vez, num passeio da nossa associação de famílias, cortei fora o centro de uma maçã, vi com espanto (e com a ajuda da minha obsessão) o que aquilo parecia e corri para o meio do mato para atacar o orifício aberto no centro da fruta, fazendo de conta que aquele buraco fresco e mole ficava entre as pernas daquele ser mítico que sempre me chamava de Garotão quando pedia que eu lhe desse o que nenhuma garota, em toda a história do mundo, jamais experimentara. “Ah, me arromba toda, Garotão”, gemia a maçã descaroçada em quem dei uma surra de pica naquele piquenique. “Garotão, Garotão, ah, me dá tudo que você tem”, implorava a garrafa de leite vazia que eu escondia no nosso depósito no porão, a qual eu enlouquecia depois das aulas com minha jeba untada de vaselina. “Goza, Garotão, goza”, gritava o pedaço de fígado ensandecido que eu, num momento de delírio, comprei no açougue e, acredite ou não, violei atrás de um cartaz de rua a caminho de meu curso preparatório de *bar mitzvah*.

Foi no final do meu ano de calouro no colegial — e de calouro também em matéria de masturbação — que descobri, na parte ventral do meu pênis, no exato lugar em que tem início a

cabeça, uma manchinha que foi posteriormente diagnosticada como uma sarda. Câncer. Eu havia provocado um *câncer*. De tanto puxar e esfregar minha própria carne, de tanto atrito, eu arranjava uma doença incurável. E antes mesmo dos catorze anos! Na cama, à noite, as lágrimas jorravam de meus olhos. “Não!”, eu soluçava. “Não quero morrer! Por favor — não!” Mas, já que em pouco tempo eu ia estar reduzido a um cadáver mesmo, eu tocava em frente como todas as noites e terminava ejaculando dentro da meia. Tinha adquirido o hábito de levar meias sujas para a cama, a fim de usar um pé como receptáculo ao me deitar e o outro ao despertar.

Se ao menos eu pudesse me contentar com uma punheta por dia, ou no máximo duas, até mesmo três! Mas, como meu destino parecia selado, comecei a estabelecer novos recordes. Antes das refeições. Após as refeições. *Durante* as refeições. Em pleno jantar, me levanto de um salto, apertando o ventre num gesto trágico — diarreia! exclamo, estou com diarreia! — e, tendo trancado a porta do banheiro, coloco na cabeça uma calcinha que roubei da gaveta de minha irmã e levo dobrada dentro do lenço no bolso. É tão eletrizante o contato de uma calcinha de algodão com minha boca — tão eletrizante o efeito da *palavra* “calcinha” — que a trajetória da minha ejaculação atinge uma altitude surpreendente: disparando como um foguete de minha vara, ela sobe e, para meu deslumbramento e pavor, acerta em cheio a lâmpada no teto, e a ela se gruda. No primeiro instante, em pânico, cubro a cabeça, temendo uma explosão de vidro, labaredas — como se vê, estou sempre aguardando uma catástrofe. Depois, fazendo o mínimo de barulho, subo e retiro a gosma fervilhante com um pedaço de papel higiênico. Começo a examinar com cuidado a cortina do boxe, a banheira, os ladrilhos do chão, as quatro escovas de dente — Deus me livre! —, e no momento exato em que vou destrancar a porta, imaginando não ter deixado nenhuma pista, sinto uma pontada no coração ao ver o que pende do bico de meu sapato, como uma meleca. Sou o Raskolnikov do autoerotismo — a pegajosa prova do crime está em todos os lugares! Estará também nos punhos da minha ca-

misa? no meu *cabelo*? na minha *orelha*? Todos esses pensamentos passam por minha cabeça enquanto volto para a mesa da copa, de cara fechada, mal-humorado, resmungando indignado para o meu pai quando ele abre a boca cheia de gelatina vermelha e diz: “Não entendo por que você vive trancando porta. Isso está além da minha compreensão. Afinal, isso aqui é uma casa ou é uma estação de trem?”. “... privacidade... um ser humano... aqui nessa casa *nunca*”, respondo, depois empurro minha sobremesa para o lado e grito: “Não estou me sentindo bem — *será que dava pra vocês me deixarem em paz?*”.

Depois da sobremesa — que eu como até o fim, porque gosto de gelatina, embora deteste minha família —, depois da sobremesa já estou de volta ao banheiro. Mergulho na roupa suja da semana até encontrar um sutiã usado da minha irmã. Amarro uma das alças na maçaneta da porta do banheiro e a outra na maçaneta do armário de roupa de cama: um espantalho para atrair mais sonhos. “Ah, me arrebenta toda, Garotão, me deixa em carne viva...” É nesses termos que me instigam os dois pequenos cones do sutiã de Hannah, quando um jornal enrolado bate contra a porta. E faz minha mão cheia e eu irmos parar a dois centímetros da privada. “... Sai daí, deixa os outros usarem essa privada também, por favor”, diz meu pai. “Meu intestino não funciona há uma semana.”

Recupero meu equilíbrio, como sempre, com uma explosão de indignação. “Eu estou com uma tremenda diarreia! Será que ninguém nessa casa entende isso?” — nesse ínterim retomando meu ritmo, até mesmo acelerando, enquanto meu órgão canceroso milagrosamente começa a estremecer de dentro para fora outra vez.

Então o sutiã de Hannah *começa a se mexer*. A balançar de um lado para outro! Fecho os olhos, e pronto — Lenore Lapidus! Dona dos maiores peitos da minha turma, correndo para pegar o ônibus depois da aula, com aqueles grandes volumes intocáveis a se moverem pesados dentro da blusa, ah, eu os invoco a saírem dos cones, a se derramarem, SÃO OS PEITOS DE LENORE LAPIDUS, e me dou conta, na mesma fração de segun-

do, que minha mãe está sacudindo com força a maçaneta. A maçaneta da porta que finalmente me esqueci de trancar! Eu sabia que isso ia acabar acontecendo algum dia! *Apanhado em flagrante! É a morte!*

“Abre a porta, Alex. Quero que você abra agora mesmo.”

Está trancada, eu *não* fui apanhado! E vejo, olhando para o que está vivo na minha mão, que também ainda não estou morto. Então vamos em frente! Mais! “Me lambe, Garotão — me dá uma lambida gostosa! Eu sou o sutiã quente da Lenore!”

“Alex, me responda. Você comeu batata frita depois da aula? É por isso que você está passando mal desse jeito?”

“Nãã, nãã.”

“Alex, você está sentindo dor? Quer que chame o médico? Você está ou não está sentindo dor? Me diga exatamente onde está doendo. *Me responda.*”

“Eeh, eeh...”

“Alex, não quero que você dê a descarga”, diz minha mãe, muito séria. “Quero ver o que você fez aí dentro. Não estou gostando nada disso.”

“E eu”, diz meu pai, empolgado como sempre com os meus feitos — com um misto de admiração e inveja —, “que há uma semana o meu intestino não funciona!”, no momento exato em que me inclino para a frente, sentado no vaso, e com um gemido de um animal espancado esguicho três gotas quase totalmente líquidas no pedacinho de pano em que minha irmã de dezoito anos guarda os parcos seios que tem. É meu quarto orgasmo do dia. Quando é que vai começar a sair sangue?

“Entra aqui, faça-me o favor”, diz minha mãe. “Por que foi que você puxou a descarga se eu mandei não puxar?”

“Esqueci.”

“O que é que tinha aí dentro que você mais que depressa puxou a descarga?”

“Diarreia.”

“Era mais para líquido ou a caquinha era mais grossa?”

“Não sei! Não olhei! Para de falar ‘caquinha’ comigo — eu já estou no colegial!”